



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 10, número 4, nov.-dez. 2021

A AQUISIÇÃO DO ASPECTO PERFECT NO INGLÊS COMO L2 POR FALANTES BRASILEIROS



THE ACQUISITION OF THE PERFECT ASPECT IN ENGLISH AS L2 BY BRAZILIAN SPEAKERS

Juliana Barros NESPOLI
Centro Universitário Geraldo Di Biase, Brasil

Samuel Morais ROCHA
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 29/06/2021 • APROVADO EM 22/02/2022
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i4.3586>

Resumo

O aspecto *perfect* refere-se à expressão linguística das noções (i) de continuidade no presente de uma situação iniciada no passado (*perfect* do tipo universal) e (ii) de efeitos no presente de uma situação finalizada no passado (*perfect* do tipo existencial). No inglês, essas duas noções podem ser expressas pela perífrase verbal “*to have*” (“ter”) + particípio, ou passado composto; no português, apenas a primeira noção pode ser expressa por essa perífrase, além de poder ser expressa pela perífrase progressiva “estar” + gerúndio e pelo presente simples, enquanto a segunda noção é expressa pela forma verbal de passado simples. Considerando que esses dois sistemas de língua diferem na maneira de expressar linguisticamente o aspecto *perfect*, objetiva-se investigar a aquisição do *perfect* universal e existencial no inglês como L2 por falantes de português brasileiro. Partiu-se da hipótese

de que a aquisição de *perfect* universal e *perfect* existencial por falantes de português aprendendo inglês como L2 inicia-se exclusivamente pelo uso das mesmas formas verbais utilizadas no português para veicular esse aspecto. Para tanto, desenvolveu-se um teste de preenchimento de lacuna aplicado a vinte e cinco aprendizes de inglês falantes de português, agrupados em três níveis de exposição à língua. Com base na análise dos resultados, refutou-se a hipótese deste estudo, já que, desde o nível Básico 1, os participantes utilizaram, além de outras formas verbais, o passado composto para expressar o *perfect* universal e também o existencial, o que não caracteriza, nesse último caso, um uso previsto no português.

Abstract

The perfect aspect refers to the linguistic expression of the notions (i) of continuity in the present of a situation that started in the past (universal perfect) and (ii) of effects in the present of a situation that ended in the past (existential perfect). In English, these two notions can be expressed by the verbal periphrasis “to have” + participle; in Portuguese, only the first notion can be expressed by this periphrasis, in addition to being able to be expressed by the progressive periphrasis “to be” + gerund and by the simple present, while the second notion is expressed by the simple past. Considering that these two languages differ in the way of linguistically expressing the perfect aspect, this study aims to investigate the acquisition of the universal and existential perfect in English as L2 by Brazilian Portuguese speakers. It was assumed the hypothesis that the acquisition of universal perfect and existential perfect by those speakers starts exclusively by using the same verbal forms used in Portuguese to convey this aspect. Therefore, a cloze test was applied to twenty-five Portuguese speakers learning English, grouped into three levels of exposure to the language. Based on the results, the hypothesis of this study was refuted because, since the level Basic 1, the participants used, in addition to other verbal forms, the periphrasis “to have” + participle to express the universal perfect and also the existential perfect, which does not characterize, in the latter case, an expected form to be used in Portuguese.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Aquisição de L2. Aspecto. *Perfect*.

Keywords: L2 Acquisition. Aspect. Perfect.

Texto integral

Introdução

O tempo verbal conhecido como *present perfect* é considerado por muitos alunos e professores de Língua Inglesa como uma espécie de “rito de passagem” no ensino de inglês como língua estrangeira. Isso decorre do fato de esse tempo verbal expressar aquilo que chamamos de aspecto *perfect*. Esse aspecto pode ser dividido em dois tipos, um chamado de *perfect* universal, que, quando associado ao tempo presente, diz respeito a uma ação que foi iniciada no passado e se mantém até o momento presente, e um segundo, chamado de *perfect* existencial, que, quando associado ao tempo presente, corresponde aos efeitos no presente de uma ação já concluída no passado.

No português, o aspecto *perfect* combinado ao tempo presente é expresso, mais comumente, pelo presente simples e pela perífrase “estar” + gerúndio, no caso do *perfect* universal, e pelo passado simples, no caso do *perfect* existencial. Essas formas diferem da maneira como esse aspecto é primordialmente expresso no inglês. Nesta língua, o aspecto *perfect*, tanto o universal quanto o existencial, é expresso, mais comumente, pela perífrase formada pelo auxiliar “to have” (“ter”) flexionado no tempo presente e combinado ao particípio passado do verbo principal (“to have” + particípio), também chamada de passado composto e, na tradição de ensino de inglês, chamada de tempo verbal *present perfect*. Essa forma verbal também é usada no português, porém é usada apenas para expressar *perfect* universal e seu uso parece ser restrito a determinados contextos.

Com base nessa breve comparação entre as línguas, é possível questionar se é criada por aprendizes brasileiros de inglês uma tendência ao uso das formas verbais mais comuns no português para a expressão do aspecto *perfect*, um panorama que corroboraria a compreensão de que o bom uso do *perfect* é visto como um “divisor de águas”, até mesmo pelos falantes nativos de inglês quando interagem com um não nativo, entre o falar ou não falar bem a língua inglesa. Assim sendo, pretende-se neste trabalho contribuir para o entendimento da aquisição das realizações aspectuais, mais precisamente de *perfect*, no inglês como L2 por falantes brasileiros.

Este artigo está dividido da seguinte forma: na próxima seção, é apresentado o referencial teórico adotado neste trabalho, bem como a descrição do *perfect* no português brasileiro e no inglês. Posteriormente, relata-se a metodologia utilizada a fim de alcançar os objetivos propostos. Em seguida, são apresentados os resultados. Por fim, apresenta-se a análise dos resultados.

Fundamentação Teórica

Gramática Universal, aquisição de primeira e segunda língua

Chomsky (1986) defende a existência de uma propriedade mental chamada de Gramática Universal (GU), que seria um componente biológico inato a todos os seres humanos. A GU é composta por princípios, propriedades universais das línguas, e parâmetros, propriedades particulares das línguas que são fixadas no processo de aquisição de linguagem. Assim, a GU seria uma capacidade inata que permite um indivíduo adquirir a gramática de qualquer língua natural desde que exposto aos chamados *inputs*, dados linguísticos produzidos no ambiente.

Seguindo essa perspectiva teórica, compreende-se que a aquisição de uma L1, ou seja, da primeira língua ou língua materna, é inconsciente e não demanda esforço por parte da criança desde que ela seja exposta aos *inputs* dentro de um período de tempo chamado de período crítico de aquisição de linguagem que, de acordo com Lennenberg (1967), vai até a puberdade. Após esse período, toda língua adquirida passa a ser denominada de segunda língua, ou L2, se o falante habita em um país em que se fala a língua em questão, como no caso de brasileiros aprendizes de francês morando e estudando na França, ou de língua estrangeira, ou LE, se o falante aprende essa nova língua em um país no qual não se fala a língua

aprendida, como o inglês sendo aprendido por brasileiros morando e estudando no Brasil. Neste trabalho, utilizamos L2 para fazer referência às línguas adquiridas após o período crítico de aquisição de linguagem em qualquer contexto.

Dadas as semelhanças e diferenças entre a aquisição de L1 e de L2, questiona-se se o domínio de uma L2 deve ser considerado o resultado de um processo de aquisição ou de aprendizagem. Por um lado, assim como a criança adquirindo uma L1, o aprendiz de uma L2 também precisa extrair dados do *input* linguístico, produzindo um sistema que lhe permita compreender e produzir estruturas na L2 (WHITE, 1989). Esse seria um argumento para entendermos que o domínio de uma L2 seria resultado de um processo de aquisição. Por outro lado, a tarefa de construir um conhecimento em uma L2 deriva de um processo consciente e depende do esforço do falante (WHITE, 2003). Esse seria um argumento para entendermos que o domínio de uma L2 seria resultado de um processo de aprendizagem. Considerando os argumentos para se defender ambas as terminologias, optou-se por utilizar o termo “aquisição” de maneira mais geral, sem fazer oposição ao termo “aprendizagem”.

Ainda sobre a comparação entre L1 e L2, é evidente o papel da GU na aquisição de uma L1. Entretanto, é preciso considerar a sua possível atuação no processo de aquisição de uma L2. De acordo com White (1989), existem 3 hipóteses sobre a ação da GU durante o processo de aquisição de uma L2: (i) o não acesso – a GU é inacessível no processo da aquisição de L2; (ii) o acesso direto – os parâmetros já registrados pela L1 do falante são ignorados; (iii) o acesso indireto – o acesso à GU é mediado pela L1. Dentre as hipóteses disponíveis para se explicar a interação entre a GU e o processo de aquisição de L2, a autora adota a hipótese (iii).

No que diz respeito à hipótese de acesso indireto à GU, pode-se afirmar que os parâmetros já fixados na L1 são transferidos para a L2, mas o acesso à GU ainda é possível, o que permite a redefinição dos parâmetros da língua que se está aprendendo. Mesmo os possíveis erros cometidos pelos aprendizes nesse processo já seriam previstos pela GU. White (2003) afirma que a intervenção da GU no processo de aquisição da L2 se justifica porque os aprendizes demonstram conhecimentos que vão além do *input* a que são expostos, podendo diferir das propriedades já adquiridas na L1.

Quanto à mediação da L1, podemos interpretar ainda que o aprendiz de uma L2 usaria as informações de sua L1 como base para a expressão de construções sentencias na L2, o que significaria dizer que, quanto menos exposto às padronizações gramaticais presentes em uma L2, o aprendiz usaria mais formas aceitas por sua L1 que condizem com as situações apresentadas. Essa ideia retoma o modelo de Schwartz & Sprouse (1996) de transferência total, segundo o qual o estágio inicial de aquisição de L2 se constitui de toda a gramática da L1 e que as hipóteses são revisadas quando a L2 falha em se ajustar aos padrões da L1. Assim, os aprendizes traçam novas hipóteses, que são restritas pela GU.

Tempo e aspecto

Considerando que, neste trabalho, pretendemos discutir a aquisição de L2, mais precisamente da categoria de aspecto, é preciso diferenciarmos, desde já, as categorias linguísticas de tempo e aspecto. Tempo, em linguística, é responsável por localizar as situações em um eixo temporal (COMRIE, 1976). Assim, tratando-se de tempo, existem somente três subdivisões possíveis: o presente, que inclui o momento da fala, o passado e o futuro. A figura 1, a seguir, ilustra a distribuição do presente, passado e futuro em uma linha do tempo, de acordo com Comrie (1985).

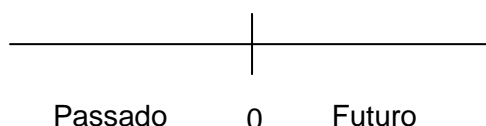


Figura 1 - Representação em linha do tempo do tempo linguístico.
Fonte: Comrie (1985).

Analisando a figura 1, verifica-se que o ponto zero pode ser identificado pelo momento presente. Os eventos que ocorrem em um momento anterior a esse ponto, representado pelo lado esquerdo da linha do tempo, são localizados no momento passado; os eventos que ocorrem em um momento posterior a esse mesmo ponto, representado pelo lado direito da linha do tempo, são localizados no momento futuro. Tempo é, portanto, uma categoria dêitica, pois relaciona os eventos a um ponto de referência, geralmente o presente. Mais precisamente é, segundo Comrie (1985), uma manifestação gramaticalizada da localização que se faz na linha do tempo.

No que diz respeito a aspecto, pode ser dito que essa categoria, ao contrário de tempo, não é responsável por localizar uma situação no eixo temporal; logo, não se trata de uma categoria dêitica. Aspecto diz respeito às diferentes maneiras de se visualizar a constituição temporal interna da situação descrita. A análise do contraste entre os exemplos em (1a) do inglês e sua tradução em (1b), de um lado, e (2a) do inglês e sua tradução em (2b), de outro, revela uma distinção de natureza aspectual.

- (1) a. *I built a house last year.*
b. Eu construí uma casa no ano passado.
- (2) a. *I was studying Math last week.*
b. Eu estava estudando Matemática na semana passada.

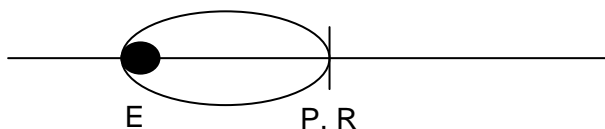
Em (1a) e (1b), é possível compreender a situação dada como um todo no passado, ou seja, o evento é percebido por completo, sem foco em nenhuma de suas partes internas. Quando esse tipo de percepção ocorre, temos o chamado aspecto perfectivo, que pode ser formalmente definido como o aspecto que focaliza a situação como um todo, incluindo os pontos iniciais e finais. Em contrapartida temos o aspecto imperfectivo, que pode ser exemplificado através das sentenças em (2a) e (2b). Estas apresentam uma perspectiva diferente, pois nelas a situação é vista a partir de suas fases internas, sem incluir os pontos extremos, ou seja, o evento não possui uma delimitação entre o início e o final da ação.

Segundo Comrie (1976), os dois tipos de aspecto apresentados anteriormente são considerados aspectos gramaticais, pois, conforme observamos nos exemplos anteriores, a distinção entre perfectivo e imperfectivo pode estar codificada na morfologia do verbo. Além do aspecto gramatical, há o que se conhece como aspecto inerente ou aspecto semântico. O aspecto semântico está relacionado às informações semânticas aspectuais que estão codificadas nos itens lexicais. Isso significa dizer que os itens lexicais apresentam propriedades de natureza semântica que os relacionam à noção de tempo. Assim sendo, itens como o verbo “pular”, por exemplo, parecem apresentar uma estrutura temporal interna diferente daquela de itens como o verbo “comer”. A situação expressa pelo primeiro verbo parece ocorrer mais rapidamente que a situação expressa pelo segundo, e essa diferença independe da morfologia a que esses verbos podem estar associados. A ênfase deste trabalho recai no aspecto gramatical, mais precisamente no aspecto *perfect*.

É interessante acrescentar que autores como Smith (1991) afirmam que o aspecto é o domínio da organização temporal a partir da perspectiva que se tem das situações. A interpretação aspectual da sentença resulta da interação daquilo que a autora chama de ponto de vista, que pode ser entendido como o aspecto gramatical e tipo de situação, que pode ser entendido como o aspecto semântico. Desse modo, os sistemas linguísticos oferecem recursos gramaticais ou lexicais ao falante para expressar o seu ponto de vista e o tipo de situação a respeito da temporalidade.

Aspecto perfect e suas realizações no português e no inglês

Além dos aspectos perfectivo e imperfectivo, mencionados anteriormente, temos um terceiro aspecto, o *perfect*, que se difere desses, principalmente, pelo fato de não dizer nada diretamente sobre a situação em si, de acordo com Comrie (1976). O *perfect*, quando associado ao tempo presente, se trata do aspecto cujo sentido indica alguma relevância no presente de uma situação passada (COMRIE, 1976)¹. Para autores como Iatridou, Anagnostopoulou & Izvorski (2003) e Pancheva (2003), o *perfect* é caracterizado por introduzir um intervalo de tempo que relaciona o momento passado e presente. Dessa forma, na figura 4, temos uma ilustração da representação semântica do *perfect* na linha do tempo: o círculo representa o evento (E) que ocorreu ou se iniciou no passado, a linha na vertical representa o presente (P), que, nesse caso, coincide com o momento de referência (R), e a elipse demonstra a conexão entre o evento no passado e a referência no presente.



¹ Neste trabalho, é investigada exclusivamente a relação entre o aspecto *perfect* e o tempo presente. Dados relacionados ao que se conhece no ensino de inglês como *past perfect* ou *future perfect* não são estudados aqui. Sendo assim, qualquer referência ao *perfect* neste trabalho diz respeito à sua combinação com o tempo presente.

Figura 2 - Representação em linha do tempo do aspecto *perfect*.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para exemplificar o aspecto *perfect*, tomemos as seguintes sentenças em (3a) e (4a) do inglês e suas respectivas traduções no português em (3b) e (4b).

- (3) a. *Yara has worked in Australia since 2010.*
 b. Yara trabalha / tem trabalhado na Austrália desde 2010.
- (4) a. *Yara has visited Australia.*
 b. Yara (já) visitou a Austrália.

Em (3a) e (3b), percebemos que o sujeito da oração começou a trabalhar em 2010 e continua trabalhando até o presente, o que difere do que ocorre em (4a) e (4b). Nestas sentenças, em ambas as línguas, nota-se somente o efeito no presente de uma ação que terminou no passado, algo como uma experiência vivenciada pelo sujeito. E, exatamente por essa diferença entre (3) e (4), que é necessário subdividir o aspecto *perfect* em universal, “relacionado à persistência da situação até o momento presente” (NESPOLI, 2018, p. 144), conforme verificado nos exemplos em (3), e existencial, “relacionado à repercussão no presente da situação finalizada no passado” (NESPOLI, 2018, p. 144), conforme verificado nos exemplos em (4).

No tocante à sua realização morfológica no português e no inglês, é preciso especificar as formas verbais que veiculam as informações aspectuais de *perfect* universal e existencial nessas línguas. De acordo com Novaes e Nespoli (2014) e Nespoli (2018), no português, o *perfect* universal pode ser expresso por formas verbais como o passado composto, o presente simples e a perífrase progressiva formada por “estar” + gerúndio, como pode ser visto através das formas verbais em negrito em (5a), (5b) e (5c), respectivamente. Em relação ao passado composto nessa língua, Novaes e Nespoli (2014) afirmam que seu uso é restrito a determinados contextos. Já o *perfect* existencial, ainda de acordo com os mesmos autores, é expresso unicamente pelo passado simples como pode ser visto através da forma verbal em negrito em (5d). O passado composto, nessa língua, não é utilizado na expressão do *perfect* existencial, conforme revela a agramaticalidade da sentença em (5e).

- (5) a. Nós **temos praticado** muitas atividades físicas.
 b. Rodrigo **compra** selos desde a infância.
 c. Alana **está lendo** esse livro faz um mês.
 d. Gabriela já **esteve** no Uruguai.
 e. *Gabriela já **tem estado** no Uruguai.

É importante destacar a relevância dos advérbios/expressões adverbiais para a expressão do *perfect* (NESPOLI, 2018; NESPOLI; MARTINS, 2018). As expressões adverbiais “desde a infância”, em (5b), e “faz um mês”, em (5c), estabelecem com as formas verbais a conexão entre dois pontos no tempo, entre o passado e o presente, revelando a continuidade no presente de um evento iniciado no passado. Em (5d), o advérbio “já” estabelece com a forma verbal a conexão

entre o passado e o presente, revelando o efeito no presente, isto é, a experiência no presente de um evento ocorrido no passado.

Diferentemente do português, no inglês, os dois tipos de *perfect* podem ser expressos pelo passado composto, conforme pode ser observado nos exemplos em (3a) e (4a), previamente apresentados. Nesses exemplos, utilizou-se a forma verbal “*to have*” + particípio para veicular tanto a continuidade no presente da situação iniciada no passado em (3a), quanto os efeitos no presente da situação finalizada no passado em (4a). Contudo, apesar de essa perífrase sempre expressar o *perfect* em inglês, trabalhos como o de Lopes (2016) revelam que outras formas verbais também podem veicular o *perfect* nessa língua, como pode ser verificado em (6).

(6) A: *Can I borrow that book?*

‘Eu posso pegar esse livro emprestado?’

B: *Not right now, I am still reading it. Maybe next week.*

‘Agora não, **eu ainda estou lendo**. Talvez na próxima semana.’

Percebemos em (6) que a sentença “*I am still reading it*”, em negrito, não necessariamente mostra que o sujeito realiza o ato de ler enquanto fala, mas demonstra uma ação que teve início no passado e persiste no presente, o que caracteriza o *perfect* universal. Essa leitura é dada pelo uso da forma verbal “*to be*” (“estar”) + gerúndio, ou perífrase progressiva, e é inclusive reforçada pela presença do advérbio “*still*” (“ainda”). A autora descreve ainda o uso do presente simples como alternativa ao passado composto para a expressão do *perfect* universal e a forma verbal de passado simples como alternativa ao passado composto para a expressão do *perfect* existencial no inglês britânico.

Ao contrário da descrição promovida em Lopes (2016), as gramáticas pedagógicas, possivelmente por não fazerem distinção entre tempo e aspecto, acabam atrelando mais fortemente a ideia do aspecto *perfect* à perífrase “*to have*” + particípio, rotulada pelo que se conhece como tempo verbal *present perfect*. Ao analisarmos, por exemplo, a gramática pedagógica de Murphy (2007) de nível básico, de Murphy (2004) de nível intermediário e de Murphy (1999) de nível avançado, averiguamos que, no nível básico, a ideia de *perfect* só é atrelada aos tempos perfeitos. Já, nos demais níveis, existe a indicação de que o tempo verbal *present continuous* (ou perífrase progressiva) possa indicar uma ação iniciada no passado e com persistência no presente. Contudo, podemos dizer que essa descrição não parece ser efetiva em termos de ensino de inglês como L2, dado que o estudo do aspecto *perfect* ainda se restringe às sistematizações relacionadas ao *present perfect*.

Diante desse panorama, objetiva-se, neste trabalho, de maneira geral, contribuir para o entendimento da aprendizagem das realizações aspectuais no inglês como L2 por falantes brasileiros. Mais especificamente, busca-se investigar (i) a aquisição do *perfect* universal por falantes de português em diferentes níveis de aprendizagem do inglês como L2 e (ii) a aquisição do *perfect* existencial por falantes de português em diferentes níveis de aprendizagem do inglês como L2. Mesmo considerando que aprendizes brasileiros de inglês como L2, quando submetidos às informações gramaticais sobre o aspecto *perfect*, são expostos sistematicamente ao estudo do *present perfect*, parte-se da hipótese de que a

aquisição de *perfect* universal e *perfect* existencial por falantes de português aprendendo inglês como L2 inicia-se exclusivamente pelo uso das mesmas formas verbais utilizadas no português para veicular esse aspecto. Essa hipótese está de acordo com a hipótese defendida por White (1989), segundo a qual o processo de aquisição de L2 é mediada pela L1.

Metodologia

A fim de alcançar os objetivos propostos para este trabalho, foi elaborado um teste linguístico, mais especificamente um teste de preenchimento de lacuna, para ser aplicado a falantes brasileiros aprendizes de inglês como L2. O teste corresponde a um texto em inglês sobre uma história de suspense. Há três personagens que dialogam acerca de um sequestro. A tipologia textual predominante, portanto, é de natureza dialogal.

Do ponto de vista do desenho do teste, é preciso mencionar que o texto apresenta dezoito lacunas a serem preenchidas pelos participantes cada uma com uma forma verbal flexionada de maneira compatível com o contexto apresentado pelo texto e com os eventuais advérbios/expressões adverbiais presentes nas sentenças onde se encontram as lacunas. O verbo a ser flexionado é apresentado na forma infinitiva logo após a lacuna, entre parênteses, ao lado de um pronome que também deve ser inserido na lacuna pelo participante e deve funcionar como o sujeito desse verbo. A opção pela utilização no texto de advérbios/expressões adverbiais para favorecer o preenchimento das lacunas com determinadas formas verbais tem suporte em Nespoli (2018) e Nespoli; Martins (2018), que já destacaram a relevância desses constituintes sentenciais na expressão do aspecto *perfect*.

Dessas dezoito lacunas, doze tinham o objetivo de distrair a atenção do participante em relação ao objeto de investigação, ou seja, correspondem a lacunas distratoras. Esperava-se que cada uma dessas lacunas fosse preenchida com uma forma verbal que apresentasse informações temporais de futuro. Dessa forma, é possível distrair a atenção do participante, já que o principal objeto aqui estudado, o *perfect*, relaciona presente e passado. A seguir, em (7), observa-se um trecho do texto em que pode ser verificado um exemplo de lacuna distratora utilizada no teste. Esperava-se que a lacuna fosse preenchida com uma forma de futuro do verbo “*to become*” (“tornar-se”) em virtude do contexto e da presença da expressão adverbial “*in a near future*” (“em um futuro próximo”).

(7) *She says that, now, I'm innocent but in a near future _____ (I / to become) a murderer.*

‘Ela diz que, agora, eu sou inocente, mas em um futuro próximo _____ (eu / tornar-se) uma assassina.’

Já as outras seis lacunas correspondem às lacunas-alvo do teste. Das lacunas-alvo, três deveriam ser preenchidas com uma forma verbal que veiculasse *perfect* universal e as outras três, *perfect* existencial. A seguir, observam-se dois trechos do texto em que pode ser verificado um exemplo de lacuna-alvo utilizada

para testar o *perfect* universal, em (8a), e um exemplo de lacuna-alvo utilizada para testar o *perfect* existencial, em (8b). Esperava-se que a lacuna em (8a) fosse preenchida com uma forma do verbo “*to do*” (“fazer”) que veiculasse *perfect* universal em virtude do contexto e da presença da expressão adverbial “*since then*” (“desde então”); esperava-se que a lacuna em (8b) fosse preenchida com uma forma do verbo “*to meet*” (“conhecer”) que veiculasse *perfect* existencial em virtude do contexto e da presença do advérbio “*before*” (“antes”).

- (8) a. Yesterday, I went to a party. What _____ (I / to do) since then?
 ‘Ontem, eu fui a uma festa. O que _____ (eu / fazer) desde então?’
 b. I have this weird feeling that _____ (I / to meet) you before.
 ‘Eu tenho essa sensação estranha que _____ (eu / conhecer) você antes’.

Os participantes desta investigação foram vinte e cinco estudantes de inglês, previamente expostos ao ensino do *perfect* e aos demais fatores cruciais para a realização do teste, como vocabulário e outras classes gramaticais. Essa informação foi constatada pelo pesquisador previamente à elaboração do teste através da análise dos materiais pedagógicos com os quais os participantes tiveram contato durante o tempo de estudo de inglês. Dentre esses participantes, dez são do sexo masculino e quinze do sexo feminino, com idades entre 14 e 72 anos e residentes das cidades de Volta Redonda e Barra Mansa, no estado do Rio de Janeiro.

A fim de caracterizar o nível de aprendizagem de inglês em que os participantes se enquadravam, utilizou-se como critério o tempo de exposição à língua, de acordo com o estabelecido em Marques (2004). O quadro 1 a seguir apresenta os cinco níveis estabelecidos por esse autor. Os participantes deste estudo se enquadraram em três desses cinco níveis: Básico 1 (sete alunos), Intermediário 1 (sete alunos) e Avançado (onze alunos).

Nível	Tempo de exposição à língua
Básico 1	Até 12 meses
Básico 2	De 12 a 24 meses
Intermediário 1	De 25 a 38 meses
Intermediário 2	De 39 a 48 meses
Avançado	A partir de 48 meses

Tabela 1 - Subdivisão em níveis de exposição à língua estrangeira.

Fonte: Marques (2004).

Em relação ao procedimento de aplicação do teste, é preciso ser dito que a sua realização ocorreu individualmente, através de uma folha de papel, e os participantes preencheram as lacunas com base nos seus conhecimentos de inglês, sem qualquer influência do pesquisador. A realização do teste teve duração entre 10 e 15 minutos.

Resultados

Nesta seção, são apresentados os resultados obtidos através da aplicação do teste de preenchimento de lacuna. Considerando apenas as lacunas-alvo do teste, apresentam-se, na tabela 2, as formas verbais utilizadas para a expressão do *perfect* universal e do *perfect* existencial, com as suas distribuições percentuais, pelos participantes de nível Básico 1.

<i>Perfect</i> Universal	<i>Perfect</i> Existencial
52% de presente simples; 24% de passado simples; 14% de passado composto; 10% de outras formas verbais. ²	33,5% de passado simples; 33,5% de presente simples; 19% de outras formas verbais; 14% de passado composto.

Tabela 2 - Formas verbais utilizadas por participantes no nível Básico 1.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Apresentam-se, na tabela 3, as formas verbais utilizadas para a expressão do *perfect* universal e do *perfect* existencial, com as suas distribuições percentuais, pelos participantes de nível Intermediário 1.

<i>Perfect</i> Universal	<i>Perfect</i> Existencial
38% de presente simples; 24% passado simples; 19% de passado composto; 19% de outras formas verbais.	48% de passado simples; 24% de presente simples; 19% de outras formas verbais; 9% de passado composto.

Tabela3 - Formas verbais utilizadas por participantes no nível Intermediário 1.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Apresentam-se, na tabela 3, as formas verbais utilizadas para a expressão do *perfect* universal e do *perfect* existencial, com as suas distribuições percentuais, pelos participantes de nível Avançado.

<i>Perfect</i> Universal	<i>Perfect</i> Existencial
67% de passado composto; 18% passado simples; 9% de presente simples; 3% da perífrase progressiva; 3% de outras formas verbais.	55% de passado composto; 30% passado simples; 6% de presente simples; 9% de outras formas verbais.

² É preciso mencionar que foram contabilizados como “outras formas” usos de estruturas que desviam completamente das formas verbais possíveis para se veicular *perfect* no português e no inglês, como uso do infinitivo, por exemplo. Nesse caso, o participante apenas reproduziu a forma verbal que se encontra entre parênteses sem utilizar as marcas morfológicas dos verbos compatíveis com a sentença em que se encontra a lacuna. Esses casos não são considerados nas análises.

Tabela 4 - Formas verbais utilizadas por participantes no nível Avançado.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A seguir, apresentam-se exemplos das formas utilizadas para preencher as lacunas de universal pelos participantes de todos os níveis: presente simples em (9a), passado simples em (9b), passado composto em (9c) e perífrase progressiva em (9d). Os exemplos das formas utilizadas para preencher as lacunas de existencial encontram-se em (10): passado simples em (10a), presente simples em (10b) e passado composto em (10c).

- (9) a. OK, no problem. I'm Yara. How long are you (you / to be) here?
 b. Yesterday, I went to a party. What did I do (I/to do) since then?
 c. No! Never! I'm a doctor, I have saved (I / to save) lives my whole life.
 d. OK, no problem. I'm Yara. How long are you being (you / to be) here?
 here?
 (10) a. And I have this weird feeling that I met (I / to meet) you before.³
 b. She said that she can travel through time and I see (I / to see) her doing it.
 c. I'm sorry Larissa but you have been (you / to be) brainwashed.

Em suma, em todos os níveis analisados, registrou-se, tanto na realização do *perfect* universal quanto na realização do *perfect* existencial, o passado composto, o passado simples e o presente simples. O uso da perífrase progressiva foi verificado apenas no nível Avançado. A seguir, propomos uma análise dos resultados obtidos, bem como retomamos os objetivos e hipótese estabelecidos para este estudo.

Análise

Considerando que se pretende, neste trabalho, investigar a aquisição de *perfect*, tanto o universal quanto o existencial, em diferentes níveis de aprendizagem, é feita nos próximos parágrafos uma análise mais precisa das formas verbais utilizadas pelos participantes de cada nível investigado.

Em relação ao nível Básico 1, foi verificado que os participantes optaram, em grande parte, por preencher as lacunas do teste referente ao *perfect* universal com a forma verbal de presente simples. Embora essa possa ser uma forma verbal utilizada no inglês para expressar *perfect* universal, conforme atesta Lopes (2016), sabemos que alunos de inglês são expostos primordialmente ao que se conhece como *present perfect*. Logo, essa opção feita pelos participantes pode ser interpretada como uma transferência para o inglês de uma forma verbal utilizada no português para a expressão desse tipo de *perfect* ou mesmo como uma

³ É preciso considerar, neste momento, que as formas de passado simples que coincidem com as formas de particípio passado, como no caso do verbo "to meet" ("conhecer"), cuja forma de passado simples e de particípio passado é "met" ("conheceu" ou "conhecido"), foram contabilizadas como uso de passado simples e não como uso de passado composto com apagamento do auxiliar "to have".

dificuldade dos alunos desse nível em variar as marcas morfológicas flexionais dos verbos, mantendo o verbo em uma forma quase idêntica à sua forma de infinitivo.

Em relação ao *perfect* existencial, verificou-se que, no nível Básico 1, os participantes optaram, em grande parte, por preencher as lacunas do teste com as formas verbais de presente simples e passado simples. O uso da primeira forma verbal pode ser interpretado como uma possível dificuldade de alunos desse nível em variar as marcas morfológicas dos verbos, como já mencionado. Já o uso da segunda forma verbal pode ser interpretado como uma transferência para o inglês de uma forma verbal utilizada no português para a expressão desse tipo de *perfect*, embora essa também possa ser uma forma utilizada no inglês para a expressão desse tipo de *perfect*, mas não é a forma canonicamente apresentada no ensino de inglês para a expressão desse aspecto.

É interessante destacar, desde já, que o passado composto apresenta índices de uso inferiores aos índices de uso das demais formas verbais mencionadas, mas ainda assim é utilizado na expressão dos dois tipos de *perfect*. No caso do *perfect* universal, sabe-se que essa forma verbal, embora seja restrita a determinados contextos de uso no português, pode ser utilizada nessa língua. O baixo índice verificado nos resultados, portanto, pode decorrer das próprias restrições verificadas no português, o que indicaria uma influência dos padrões dessa língua nas escolhas dos aprendizes. No caso do *perfect* existencial, essa forma verbal não pode expressar esse tipo no português. É possível interpretar, dessa maneira, que a emergência da utilização do passado composto em níveis iniciais de aprendizagem do inglês, sobretudo em relação ao *perfect* existencial, pode ser efeito do estudo formal e sistematizado do *present perfect*.

Em relação ao nível Intermediário 1, foi verificado que os participantes optaram, em grande parte, por preencher as lacunas do teste referente ao *perfect* universal também com a forma verbal de presente simples. Entretanto, verifica-se que, em relação ao nível Básico 1, os participantes passam a utilizar mais o passado composto, o que pode ser um efeito do estudo formal e sistematizado do *present perfect* ainda mais efetivo.

No que diz respeito ao *perfect* existencial, verifica-se que, em relação ao nível Básico 1, os participantes passam a utilizar mais o passado simples, o que pode significar o reflexo de uma transferência para o inglês de uma forma verbal utilizada no português para a expressão desse tipo de *perfect*. Quanto ao passado composto, verifica-se uma redução na porcentagem calculada, o que pode ser explicado pelo fato de os participantes estarem em uma etapa de transição e, conseqüentemente, de instabilidade quanto às suas escolhas verbais. Contudo, ainda é observado o seu uso, configurando, portanto, um efeito do estudo formal e sistematizado do *present perfect*.

Em relação ao nível Avançado, foi possível perceber relevantes diferenças em relação aos dois níveis anteriores. Foi verificada a preferência pela forma verbal de passado composto tanto na expressão do *perfect* universal quanto na expressão do *perfect* existencial. Percebe-se que os participantes que se enquadram nesse nível alcançam um domínio maior em relação ao uso do *present perfect*, esperado pelo ensino formal do inglês.

Há de se considerar, ainda, que a segunda forma verbal mais utilizada pelos participantes de nível Avançado para os dois tipos de *perfect* foi o passado simples.

No caso das lacunas de universal, percebe-se que essa não é uma forma esperada para esse tipo de *perfect* nem no português nem no inglês, o que pode revelar, dentre outras análises possíveis, que os participantes depreenderam outra leitura temporal e aspectual das lacunas de *perfect* universal oferecidas pelo teste. Quanto às lacunas de *perfect* existencial, percebe-se ainda uma possível transferência para o inglês de propriedades morfológicas do português.

Com base na análise de dados promovida, consideramos, neste momento, a hipótese deste estudo de que a aquisição de *perfect* universal e *perfect* existencial por falantes de português aprendendo inglês como L2 inicia-se exclusivamente pelo uso das mesmas formas verbais utilizadas no português para veicular esse aspecto. Ao observarmos o panorama apresentado, em particular, no nível Básico 1, verifica-se que os participantes utilizam formas verbais do português para a expressão do *perfect* no inglês, o que sugere haver, de alguma maneira, uma transferência das propriedades morfológicas do português para o inglês. No entanto, é utilizado o passado composto inclusive para a expressão do *perfect* existencial, o que não é possível no português em relação a esse tipo de *perfect*. Assim, é possível afirmar que a hipótese deste estudo foi refutada, tendo em vista que a aquisição do inglês como L2 pelos participantes estudados não se iniciou exclusivamente por formas verbais utilizadas no português para a expressão do aspecto *perfect*.

No que diz respeito à relação entre a L1 e a L2, conforme previa White (1989), verificou-se que, ao transferir propriedades morfológicas da sua L1, aprendizes de L2, desde níveis iniciais de aprendizagem, vão além do *input* a que são expostos, que, nesse caso, seria o *present perfect*. De fato, o aprendiz de uma L2 parece usar as propriedades de sua L1 como base para construir o seu conhecimento acerca da L2. Em outras palavras, percebeu-se que, quanto menos exposto ao ensino formal sobre a L2, mais formas linguísticas da L1 são utilizadas pelos aprendizes; quanto mais exposto, maior o domínio das formas linguísticas esperadas na L2.

Além disso, verificou-se que, mesmo em níveis iniciais de aprendizagem e com baixos índices, os aprendizes são capazes de diferir das propriedades da sua L1 e de fazer a associação no inglês entre as noções de *perfect* universal e, inclusive, de *perfect* existencial, de um lado, e a forma verbal de passado composto, de outro. Ainda que essa associação seja explicada pela influência do ensino formal, há de se salientar o grau de complexidade dessa associação, no caso do *perfect* existencial, para aprendizes em níveis iniciais e falantes de português. Essa constatação parece corroborar, assim, a ideia de que há interferência da GU na aquisição de uma L2.

Outra questão que precisa ser mencionada é o fato de que o uso de variadas formas verbais previstas no inglês, mas que não estão presentes sistematicamente no ensino formal do aspecto *perfect*, pode refletir a autonomia dos aprendizes em buscar alternativas de se estar em contato com a L2. Esses aprendizes, ao ouvir músicas, assistir a séries ou realizar outras atividades em língua inglesa, entram em contato com as mais diversificadas formas de expressar as categorias linguísticas e que, muitas vezes, não estão previstas nos materiais pedagógicos e nas sistematizações realizadas formalmente pelos professores da língua. Assim,

futuras investigações precisam considerar essa questão a fim de controlar ainda mais as variáveis estudadas e de refinar as análises propostas.

Considerações Finais

Neste trabalho, buscou-se contribuir para o entendimento da aprendizagem das realizações aspectuais no inglês como L2 por falantes brasileiros. Mais especificamente, contribuiu-se para o entendimento da aquisição do aspecto *perfect*, conhecido, na tradição de ensino, como *present perfect*. A partir da análise de resultados provenientes da aplicação de um teste de preenchimento de lacuna a aprendizes de inglês como L2, foi possível chegar a algumas conclusões.

Em primeiro lugar, verifica-se que os participantes utilizam formas verbais do português para a expressão do *perfect* no inglês, o que sugere haver, de alguma maneira, uma transferência das propriedades morfológicas do português para o inglês. Em segundo lugar, verifica-se a utilização do passado composto, desde níveis iniciais, inclusive para a expressão do *perfect* existencial. Essa verificação permitiu que se refutasse a hipótese deste estudo de que, em níveis iniciais, aprendizes utilizam exclusivamente formas verbais utilizadas no português para a expressão do aspecto *perfect*.

Referências

CHOMSKY, Noam. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

COMRIE, Bernard. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. New York: Cambridge University Press, 1976.

COMRIE, Bernard. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

IATRIDOU, Sabine; ANAGNOSTOPOULOU, Elena; IZVORSKI, Roumyana. Observations about the form and meaning of the perfect. In: Michael Kenstowicz (ed.), Ken Hale. *A Life in Language*. Cambridge: MIT Press, 2001. P. 154-204.

LENNENBERG, Eric Heinz. *Biological foundations of language*. New York: John Wiley and Sons, 1967.

LOPES, Thais Lima. *A realização morfológica do aspecto perfect no português do Brasil e no inglês britânico: uma análise comparativa*. 2016. 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MARQUES, Felipe Mesquita. *Transferência de L1 e Acesso à Gramática universal no contexto do Parâmetro do Sujeito nulo: evidências da aquisição / aprendizagem do Inglês como L2 por falantes adultos do Português Brasileiro*. 2004. 183 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

MURPHY, Raymond. *English Grammar in Use: A self-study reference and practice book for advanced learners of English*. Cambridge: Cambridge University, 1999.

MURPHY, Raymond. *English Grammar in Use: A self-study reference and practice book for elementary students of English*. Cambridge: Cambridge University, 2007.

MURPHY, Raymond. *English Grammar in Use: A self-study reference and practice book for intermediate students of English*. Cambridge: Cambridge University, 2004.

NESPOLI, Juliana Barros. *Representação mental do perfect e suas realizações nas línguas românicas: um estudo comparativo*. 2018. 178f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

NESPOLI, J. B.; MARTINS, A. L. A representação sintática do aspecto perfect: uma análise comparativa entre o português e o italiano. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 2018. No prelo.

NOVAES, Celso; NESPOLI, Juliana Barros. O traço aspectual de perfect e suas realizações. *Revista FSA, Teresina*, v. 11, n. 1, p. 255-279, 2014.

PANCHEVA, Roumyana. The aspectual makeup of Perfect participles and the interpretations of the Perfect. In: ALEXIADOU, A.; RATHERT, M.; VON STECHOW, A. (Eds.). *Perfect Explorations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 277-308.

SCHWARTZ, Bonnie.; SPROUSE, Rex. L2 cognitive states and the full transfer / full access model. *Second Language Research*, v. 12, n.1, p. 40 -72, 1996.

SMITH, Carlota. *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer, 1991.

WHITE, Lydia. *Universal grammar and second language acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 1989.

WHITE, Lydia. *Second language acquisition and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

Para citar este artigo

NESPOLI, Juliana Barros; ROCHA, Samuel Morais. A aquisição do aspecto *perfect* no inglês como L2 por falantes brasileiros. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 4, p. 1652-1667, nov.-dez. 2021.

Os Autores

Juliana Barros Nespoli é doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e docente no Centro Universitário Geraldo Di Biase (UGB).

Samuel Morais Rocha é mestrando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Licenciado em Letras pelo Centro Universitário Geraldo Di Biase (UGB).